

RELEVÂNCIA DISCURSIVA O DISCURSO DO ADULTO VS O DISCURSO DO ALUNO

ELISABETH SANTOS DA SILVEIRA
Univ. do Est. do Rio de Janeiro

1. INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é discutir a codificação lingüística da Relevância no discurso do adulto letrado a nível de 3º grau - em cuja categoria se encontra o professor - e no discurso de alunos do 1º e 2º graus. Os subsídios teóricos que conduzirão esta análise foram propostos por Hopper (1979) em "Foreground and Background in Discourse". Dividirei, então, este artigo em três seções. Na primeira, apresentarei os subsídios teóricos relativos à Relevância, a partir da conceituação de Figura / Fundo.

Como Hopper não faz referência à possibilidade de interferência de variáveis sociais na codificação da Relevância, na segunda parte deste artigo, apresentarei os resultados da análise de narrativas produzidas por adultos analfabetos e por adultos totalmente letrados e, ainda, por alunos em diferentes momentos da escolarização, procurando comparar o discurso destes falantes em relação à utilização da Figura / Fundo.

Finalmente, tentarei determinar as implicações pedagógicas que os resultados desta investigação nos apontam.

1.1 Relevância

A Relevância é uma propriedade discursiva que se caracteriza pelo estabelecimento de planos distintos na estruturação do discurso, no qual um dos planos será salientado em relação aos demais. Na produção de narrativas, a Relevância se definirá no momento em que o falante, tendo em vista seus objetivos comunicativos, reproduz objetiva e iconicamente os fatos tal qual se deram no evento. Este fenômeno

foi estudado, primeiramente por Hopper (1979), através da investigação translingüística dos planos **Figura/Fundo** em narrativas.

1.2 Definição de Narrativa

Na percepção de eventos, o indivíduo identificará alguns fatos como sendo mais salientes do que outros. Ao reportar tais eventos, atendendo suas intenções comunicativas, ele irá codificá-los lingüisticamente, transformando-os em narrativas. **Entendemos, então por narrativa, reportagens lingüísticas de um evento passado e acabado, estocado e disponível na memória dos indivíduos.**

A seqüencialidade contingente ao evento está associada à idéia de **causalidade**: o movimento de um objeto provoca a transformação ou o movimento em outro objeto. Esta relação de causa/efeito no evento é determinada tanto pela sucessão temporal do movimento dos participantes quanto pela continuidade de ação. Um indivíduo, por exemplo, pode criar uma estória, a partir de uma seqüência de gravuras, atribuindo um conjunto de causas e efeitos ao que vê. Sua experiência prévia e o estabelecimento de expectativas facilitam o processo da narração.

Embora a narrativa relate fatos ocorridos nas cenas que constituem o evento, sua estrutura temporal é diferente da do evento que lhe deu origem. Este, por se desenvolver unidimensionalmente, torna-se mensurável. Não admite espaços para retroalimentações, sumários e prenúncios de fatos que ainda irão ocorrer. Porém, na narrativa, existe abertura para todos estes processos que, embora simultâneos ao seu eixo dêitico-temporal, possuem mobilidade, podendo, então, localizar-se em qualquer ponto dessa estrutura.

2.2 Figura / Fundo nas Narrativas

Hopper (1979), através de uma análise translingüística, constatou que uma narrativa possui dois planos distintos e complementares. As cláusulas que reproduzem iconicamente o eixo dêitico-temporal, em que os fatos se deram no real, chamou **Foreground - Figura**. Considerou **Background - Fundo** - aquelas que, através da suspensão da ação, clarificam circunstâncias factuais, dando suporte e comentando o que está sendo relatado pela Figura.

Após constatar que diferentes línguas se comportavam de forma semelhante em relação à dupla estruturação do discurso, Hopper propõe que tal propriedade, seja caracterizada pelas seguintes marcas pragmáticas e semânticas:

- (i) **Ordem vocabular** - as cláusulas-Figura têm uma estrutura pragmática não-marcada. O tópico ocorre na função de sujeito, sendo os elementos novos introduzidos no predicado.:1m 0

(1) Cláusulas-Figura	Cláusulas-Fundo
uma senhora acorda arruma a filha serve o café pega o material e sai de casa ...	se arruma de que a filha necessita ou::material que lhe pertence

Em (1), o participante **uma senhora** é mantido, na cadeia tópica, em anáfora; os participantes novos **filha, café e material** são introduzidos no predicado das cláusulas-Figura.

Já nas cláusulas-Fundo, com a mudança de foco, a informação nova é introduzida, através do sujeito, em posição pós-verbal. Isto ocorre em (2), onde o novo participante é introduzido na ordem verbo/sujeito.

(2) Cláusulas-Figura	Cláusulas-Fundo
depois pe/ pegou a pasta ela abriu a porta do carro botou em cima dela ela teve que tirar o cordão ... o relógio	pra ir pro colégio ... e vinha um homem com um revólver

- (ii) **Caráter tópico do sujeito** - a tendência de as narrativas se prenderem a um pequeno número de participantes, favorece a permanência do sujeito em posição tópica.:1m 0

(3) Cláusulas-Figura	Cláusulas-Fundo
<p>dona Zilda se acorda às sete horas da manhã</p> <p>ela deu café a garotinha ... arrumou ...</p> <p>ela se penteou pegou à garotinha abriu a porta pegou a maletinha e vai caminhando pro lado do carro</p>	<p>pra levar a garotinha dela no colégio ...</p>

O falante mantém, durante as cláusulas subseqüentes, o participante **dona Zilda**, pronominalizado ou anaforizado, em posição de tópico.

Já a função de ampliar informações, típica do Fundo, favorece a introdução de uma variedade de participantes, raramente tópicos. É o que ocorre em (4):

(4) Cláusulas-Figura	Cláusulas-Fundo
<p>o menino foi ao médico</p> <p>e chamou: o menininho</p>	<p>ela era incrível ele implica com uma senhora mexia com um cara quando chegou o doutor</p>

Os participantes **uma senhora** e **um cara** fazem parte de cláusulas-Fundo e são introduzidos no predicado.

- (iii) **Aspecto** - as situações apresentadas pelas cláusulas-Figura caracterizam-se por ações perfectivas:

(5) Cláusulas-Figura	Cláusulas-Fundo
e a enfermeira a/ abriu a porta e eles então entraram e Joãozinho começou logo a fazer a maior bagunça abrir janela aí entrou uma ventania danada pela sala ... as pessoas ficaram incomodadas ... sáiram correndo ele começou a mexer com todo mundo	pra fechar a janela ...

Em (5), as cláusulas-Figura integram a seqüência do esqueleto estrutural da narrativa. Um novo fato só é apresentado quando o que o antecede é completado. Entretanto, no Fundo, os fatos são vistos como inacabados - as ações, em sua caracterizadas como imperfectivas.

Em (6), as cláusulas-Fundo, que situam o cenário e explicam as cláusulas - Figura, são imperfectivas:

(6) Cláusulas-Figura	Cláusulas-Fundo
Dona Maria resolveu levar seu filho ao médico ...	era um dia muito ... o tempo estava ruim ele não estava muito bem de saúde ...

- (iv) **Punctualidade** - a própria sucessão de ações discretas e mensuráveis, na seqüência de cláusulas-Figura, facilita a seleção de verbos punctuais:

(7) Cláusulas-Figura	Cláusulas-Fundo
aí:: chegou:: o carro ... ela botou a mala em cima do carro ... aí veio um homem e apontou:: o revólver pra ela	pedindo a chave do carro e:: o relógio ...

Em (7), com exceção de **veio**, todos os verbos das cláusulas-Figura são punctuais.

Em (8), nas cláusulas-Fundo, é observada, com maior frequência, a ocorrência de verbos estativos, processuais ou cuja duração da ação se estende no tempo, não podendo ser caracterizados como punctuais.

(8) Cláusulas-Figura	Cláusulas-Fundo
chegou o médico	pra examinar ele ...
mas mesmo em todo caso dona Conceição quis acalmar ele	pra levar ele pro ... pro médico
	examinar ele
	mas não tinha jeito
	pra ir ... pra ir ... dona Conceição ... pra ... pro médico
dona Conceição puxa ele ele cismou pegou na cadeira da velhinha	... que não queria ir
	e a mãe dona Conceição pu- xando ele ... ele puxando a cadeira
derrubou a velhinha	

(v) **Agentividade** - o sujeito dos verbos das cláusulas-Figura possui, com frequência, o traço animado, caracterizando-se como agente:

(9) Cláusulas-Figura	Cláusulas-Fundo
aí ela acordou	ela tava dormindo
aí ela levantou	
pentoeu o cabelo	
aí foi ... foi lá	onde tá a filha dela ...

Em (9), as situações apresentadas correspondem a ações, estando os agentes pronominalizados ou anaforizados.

Ao lado da freqüente ocorrência de agentes nas cláusulas-Figura, no fundo, a previsão de participantes agentes não é tão comum:

(10) Cláusulas-Figura	Cláusulas-Fundo
ele abriu a janela ...	a cortina voava toda hora havia um ... um velhinho
	que estava com o pé quebrado...
	havia um... uma senhora muito gripada
até que o médico chamou...ele e a mãe né?	

(vi) **Cinese** - as situações referenciadas pelas cláusulas-Figura são dinâmicas. Já, no Fundo, isto não ocorre com tanta frequência:

(11) Cláusulas-Figura	Cláusulas-Fundo
o garoto vai pro...muito atrevido mesmo pega o estetoscópio do médico ele vai: botar nas costas dele	a enfermeira tava rindo
mas o médico não te/ achou achou graça nenhuma	

Nas cláusulas-Figura de (11), os verbos são caracterizados como cinéticos, pois apresentam o traço dinamicidade. Isto já não ocorre nas cláusulas-Fundo, como em (12):

(12) Cláusulas-Figura	Cláusulas-Fundo
a mãe resolveu levar o menino ao médico... ela entrou para a sala...	a sala tava muito...cheia de gente... fazia muito frio... ventava ...

- (vii) **Afirmatividade** - uma narrativa caracteriza-se por cláusulas que afirma fatos que deram origem ao evento. A seqüência de cláusulas-Figura é constituída de afirmações. Já, no Fundo, os comentários não são necessariamente afirmações. Há, ainda, neste plano, formas verbais designadas como irrealis - subjuntivo, imperativo e modal - além daquelas marcadas com a negação.

(13) Cláusulas-Figura	Cláusulas-Fundo
e ela pediu ao médico	que se...se ele pudesse e o pessoal
	cedesse a vez
	que tava lá esperando pra que ele entrasse e fosse logo atendido
	pra ficar livre

Em (13), a cláusula-Figura apresenta uma afirmação e a forma verbal é codificada no Modo Indicativo. Já os verbos das cláusulas-Fundo (com exceção de **tava esperando**), funcionam como suposições, sendo marcadas pelo Modo Subjuntivo.

Hopper procurou identificar todas essas marcas em diferentes línguas, visando estabelecer um universal lingüístico. Segundo ele, são essas as características que determinam os planos da Figura e do Fundo. Afirmar ainda que as cláusulas-Figura, além de serem seqüenciais, relatam informações importantes.

Em virtude da dificuldade em precisar o que é ou não é importante para o desenvolvimento da narrativa, neutralizei este traço, caracterizando as cláusulas-Figura como **aquelas que são seqüenciais**, isto é, as que se sucedem unidimensionalmente no eixo dêitico-temporal da narrativa, reproduzindo direta e objetivamente a forma pela qual os fatos se deram no evento. Logo no plano da Figura, pressuponho que as cláusulas aparecem dispostas verticalmente, enquanto que o Fundo se estrutura como um desvio. Nele é estabelecida uma sub-rotas que, paralelamente ao eixo estrutural da Figura, não se caracteriza como uma ocorrência isolada na narrativa.

Para ilustrar a distribuição de cláusulas no plano da Figura e do Fundo, apresento uma narrativa em que o falante, narrando um assalto mal sucedido, estabelece uma seqüência de cláusulas que reproduzem objetivamente os fatos que ocorreram nesse evento. Acrescentando informações à cadeia de cláusulas que compõe a Figura, se estabelece o Fundo. As cláusulas que aí ocorrem, equivalem a desvios que se acoplam à Figura. Vejamos como isto ocorre em (14):

por adultos pré-letrados e letrados com formação a nível de 3º Grau e por alunos em diferentes momentos da escolarização.

2. CONDICIONANTES METODOLÓGICOS BÁSICOS

Antes de iniciar a exposição dos resultados da análise da Relevância, é necessário resumir os condicionantes metodológicos que orientam a coleta do corpus e a organização dos dados para análise.

- (i) foram selecionados randomicamente 60 adultos e 120 alunos do 1º e 2º graus, respeitadas as variáveis **sexo** e **letramento**.

Adultos:

F PL: grupo feminino pré-letrado;

F CL: grupo feminino letrado a nível de 3º Grau;

M PL: grupo masculino pré-letrado;

M CL: grupo masculino letrado a nível de 3º Grau.

Alunos:

Classe de Alfabetização (CA): grupo feminino
grupo masculino

2ª série do 1º grau: grupo feminino
grupo masculino

4ª série do 1º grau: grupo feminino
grupo masculino

6ª série do 1º grau: grupo feminino
grupo masculino

8ª série do 1º grau: grupo feminino
grupo masculino

2ª série do 2º grau: grupo feminino
grupo masculino

- (ii) o corpus dos adultos foi constituído de narrativas orais e o dos alunos de narrativas orais e escritas;
- (iii) para estimular nos adultos a produção de narrativas, utilizei dois experimentos: uma seqüência de fotografias que retrata um assalto

- mal sucedido e uma seqüência de slides que apresenta a ida de uma criança ao médico;
- (iv) para estimular nos alunos a produção de narrativas utilizei o experimento que apresenta a ida de uma criança ao médico;
 - (v) para registrar as narrativas orais, solicitei aos informantes que manipulassem o material experimental e, em seguida, narrassem os eventos que haviam visualizado;
 - (vi) para coletar as narrativas escritas, passado um mês da coleta das narrativas orais, apresentei novamente aos informantes (com exceção dos alunos do C.A.) o material experimental e solicitei-lhes que registrassem por escrito o evento visualizado;
 - (vii) para transcrever as narrativas orais, utilizei as normas empregadas pelo Projeto NURC/SP;

Definidos os condicionantes metodológicos básicos utilizados na coleta e na organização do corpus, podemos passar a apresentação dos resultados.

3. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

3.1 Discurso de Adultos Pré-Letrados e Letrados

Antes de iniciar a apresentação dos resultados da distribuição das cláusulas-Figura e das cláusulas-Fundo nas narrativas investigadas, convém relembrar a questão básica que definiu este trabalho: **sexo e letramento interferem na codificação da Relevância discursiva?**

Para tentar esclarecer esta questão, o primeiro passo foi levantar a distribuição da freqüência de cláusulas-Figura e de cláusulas-Fundo nas narrativas produzidas pelos diferentes grupos experimentais. Este resultado é apresentado na Tabela (1):

Narrativa	Planos da Narrativa	Feminino Pré-Letrado	Feminino Letrado	Masculino Pré-Letrado	Masculino Letrado	N	
“O Assalto”	C Fg	N	350	351	202	355	1338
		%	72	62	67	46	61
	C Fd	N	126	217	148	372	863
		%	28	38	33	54	39
“A Ida ao Médico”	C Fg	N	355	416	278	458	1507
		%	66	47	56	41	50
	C Fd	N	184	467	215	659	1625
		%	34	53	44	59	50

Tabela (1): Distribuição das cláusulas - Figura (C Fg) e das cláusulas - Fundo (C Fd) dos grupos experimentais, em “O Assalto” e “A Ida ao Médico”.

De acordo com os resultados apresentados na Tabela (1), verificamos que em “O Assalto” houve maior frequência de cláusulas-Figura (**61%**) do que de cláusulas-Fundo (**39%**). Nesta narrativa, com exceção do grupo masculino letrado, em todos os grupos experimentais houve maior frequência de cláusulas-Figura. O grupo que mais produziu cláusulas-Figura foi o feminino pré-letrado (**72%**).

Em “A Ida ao Médico”, a frequência de cláusulas-Figura e de cláusulas-Fundo é igual (**50%**). Os grupos pré-letrados foram os que mais produziram cláusulas-Figura (**F PL: 66% E MPL: 56%**). O grupo masculino letrado foi o que apresentou menor proporção de cláusulas-Figura (**41%**).

A verificação estatística das possíveis diferenças na utilização das cláusulas-Figura e das cláusulas-Fundo apontadas na Tabela (1) é de grande interesse para a investigação da interferência das variáveis **sexo** e **letramento** na codificação da Relevância. Para comprovar se tais diferenças são significativas, utilizei o **Teste de Homogeneidade para Distribuições Binomiais**. A estatística teste é o **Qui-Quadrado**, cujo nível de significância foi estabelecido em 5%. A hipótese nula testada é a de igualdade entre distribuições binomiais. Em outras palavras, tentarei verificar se entre os informantes de cada grupo e se entre os grupos experimentais a proporção de cláusulas-Figura é igual.

A Tabela (2) apresenta os valores calculados (χ^2 CALC) e tabelados (χ^2 TAB), ao nível de significância de 5% para a estatística χ^2 , bem como os respectivos Graus de Liberdade (G.L.). As fontes de variação foram consideradas entre as proporções de utilização de cláusulas-Figura, entre os informantes de cada grupo (dentro de grupos) e entre os grupos experimentais. Rejeitarei a hipótese nula, ao nível de significância determinado (5%), se, e somente se, o valor da estatística χ^2 calculado for superior ao valor tabelado para esta estatística com os respectivos Graus de Liberdade.

Os resultados da aplicação do Teste de Homogeneidade são apresentados na tabela (2):

FONTE DE VARIAÇÃO	G.L.	χ^2 Tab	χ^2 Calc	
		($\alpha = 5\%$)	“O ASSALTO”	“A IDA AO MÉDICO”
N	59	77.9	156.56	195.02
Dentro de Grupos	56	74.5	79.50	93.71
F PL	14	23.7	12.87	17.75
F CL	14	23.7	15.27	20.54
M PL	14	23.7	35.55	40.14
M CL	14	23.7	15.81	15.28
Entre os Grupos	3	7.8	77.06	101.31

Tabela (2): Valores da estatística χ^2 para o Teste de Homogeneidade de uso de cláusulas - Figura, nas quatro grupos experimentais.

De acordo com os resultados apresentados na Tabela (2), podemos constatar com 95% de confiança que, com exceção do grupo masculino, pré-letrado, nas duas narrativas não há evidências de que existam diferenças significativas na proporção de uso de cláusulas-Figura entre os informantes de cada grupo experimental. Isto quer dizer que, dentro destes grupos experimentais, os informantes são **homogêneos em relação à utilização de cláusulas-Figura**. Este teste apontou ainda que, entre os grupos experimentais, **existem diferenças significativas na proporção de uso de cláusulas-Figura entre pelo menos dois grupos**.

Uma vez que o Teste de Homogeneidade indicou a presença de diferenças significativas na proporção de uso de cláusulas-Figura, ao considerar os grupos experimentais, convém verificar entre qual ou quais grupos residem tais diferenças.

Pata tal, acoplei os grupos experimentais femininos pré-letrado e letrado no grupamento **F** e os grupos masculinos pré-letrado e letrado no grupamento **M**. Apliquei, então, aos grupos agora considerados o **Teste de Homogeneidade**, cuja estatística é o **Qui-Quadrado**, com nível de significância estabelecido em 5%. Na Tabela (3), apresento os resultados obtidos com a aplicação deste teste. Suas linhas e colunas devem ser interpretadas como as da Tabela (2):

FONTE DE VARIACÃO	² Tab		² Calc	
	GL	(= 5%)	“O Assalto”	“A Ida ao Médico”
Dentro do grupo F	1	3.84	11.86	47.07
Dentro do grupo M	1	3.84	38.96	32.39
Entre os grupos F/M	1	3.84	26.22	21.85
N	3	7.81	77.06	101.31

Tabela (3): Valores da estatística ² para o Teste de Homogeneidade de uso de cláusula - Figura, nos grupos feminino e masculino (F / M)

Através dos resultados apresentados na Tabela (3), podemos constatar que existem **diferenças significativas na proporção de cláusulas-Figura dentro do grupo F e do grupo M**, ou seja, entre os informantes pré-letrados e letrados. Tal teste apontou ainda que existem **diferenças significativas na proporção de cláusulas Figura entre os grupos feminino e masculino**.

A partir, então, desses resultados, podemos concluir que a diferença significativa na proporção de uso de cláusulas-Figura, apontada com a aplicação do primeiro Teste de Homogeneidade (Tabela 2), **existe entre todos os grupos experimentais considerados**.

Ainda em relação à Tabela (1), outro aspecto de interesse para a questão determinante deste estudo é verificar estatisticamente se a proporção de cláusulas-Figura e de cláusulas-Fundo é igual em cada um dos grupos experimentais. Dentre as

maneiras de responder esta questão, escolhi a construção de **Intervalos de Confiança** para a proporção de uso de cláusulas-Figura, pois, além dessa resposta, obtive estimativas para a proporção de uso deste tipo de cláusula em cada um dos grupos experimentais.

Os Intervalos de Confiança foram construídos ao nível de 95% e são apresentados na Tabela (4). Podemos observar que esta tabela não inclui os respectivos intervalos para o grupo masculino pré-letrado. Tal fato se deve a que para este grupo foi anteriormente constatada (Tabela 2) falta de homogeneidade (igualdade de proporção no uso de cláusulas-Figura) entre os informantes que o compõem. Os resultados desse grupo foram expurgados da construção dos Intervalos de Confiança, pois poderiam distorcer o ou viesar as estimativas realizadas.

GRUPOS	“O ASSALTO”	“IDA AO MÉDICO”
F PL	68% ; 76%	62% ; 70%
F CL	58% ; 66%	44% ; 50%
M CL	45% ; 52%	38% ; 44%

Tabela (4): Intervalos de 95% de Confiança para a proporção de uso de cláusulas - Figura, nos grupos feminino pré-letrado (F PL) e letrado (F CL) e masculino letrado (M CL).

A observação dos Intervalos de 95% de Confiança, na Tabela (4), permite-nos constatar que nas duas narrativas o grupo feminino pré-letrado utiliza em maior proporção cláusulas-Figura do que cláusulas-Fundo. Já o grupo feminino letrado utilizado maior proporção de cláusulas-Figura em “O Assalto” e maior proporção de cláusulas-Fundo em “A Ida ao Médico”. Os Intervalos de Confiança apontam ainda que o grupo masculino letrado produziu mais cláusulas-Fundo do que cláusulas-Figura em “A Ida ao Médico”. Então, após a aplicação desses diferentes testes estatísticos, posso afirmar que o **grupo feminino e o grupo pré-letrado utilizam maior proporção de cláusulas-Figura do que o grupo masculino e o grupo letrado.**

Estando constatado que as variáveis **sexo e letramento** produzem efeitos na codificação da Relevância discursiva, pretendo, na próxima seção, apresentar os resultados da investigação desta propriedade discursiva em narrativas produzidas por alunos de diferentes séries do 1º e do 2º Graus.

3.2 Discurso de Alunos do 1º e do 2º Graus

Comprovada diferença significativa na codificação da Relevância em narrativas produzidas por falantes adultos pré-letrados e letrados, procurei verificar em que momento da escolarização o falante começa a utilizar maior proporção de cláusulas-Fundo.

Foram testados 120 alunos que produziram 220 narrativas. Os resultados da distribuição das cláusulas-Fundo nas narrativas orais e escritas, produzidas pelos diferentes grupos de alunos, são apresentados na Tabela (5):

GRUPO	C.A. NARRATIVAS	2ª SÉRIE do 1º GRAU	4ª SÉRIE do 1º GRAU	6ª SÉRIE do 1º GRAU	8ª SÉRIE do 1º GRAU	2ª SÉRIE do 2º GRAU	
F	Oral	22%	23%	38%	41%	40%	50%
	Escrita	--	29%	35%	35%	41%	50%
M	Oral	24%	24%	33%	38%	41%	53%
	Escrita	--	28%	33%	34%	43%	55%

Tabela (5): Distribuição de freqüência de cláusulas - Fundo, dos grupos feminino (F) e masculino (M), nas narrativas orais e escritas, em diferentes séries do 1º e 2º graus.

Os resultados apresentados na Tabela (5) demonstram que houve um aumento na freqüência de cláusulas-Fundo nas narrativas orais, durante a escolarização (C.A. - **F: 22% / M: 24%** ; **2ª série do 2º Grau - F: 50% / M: 53%**). As narrativas escritas apresentaram, também, um crescimento em relação à freqüência de cláusulas-Fundo (**2ª série do 1º Grau - F: 29% / M: 28%** ; **2ª série do 2º Grau - F: 50% / M: 55%**).

Das modalidades investigadas, a narrativa escrita foi a que apresentou, nas diferentes séries, maior proporção de cláusulas-Fundo. Outro dado que nos chama a atenção é o fato de que o grupo masculino foi o que mais utilizou cláusulas-Fundo, tanto nas narrativas orais quanto nas narrativas escritas.

As constatações, obtidas com a análise da Relevância em narrativas orais e escritas produzidas por alunos de diferentes momentos da escolarização, reiteram que

o letramento e o sexo são variáveis determinantes da frequência de cláusulas-Fundo.

4. IMPLICAÇÕES PEDAGÓGICAS DESTE ESTUDO

Antes de tentar identificar as implicações pedagógicas da codificação da Relevância, devemos considerar as constatações obtidas com a investigação da distribuição de cláusulas-Figura e das cláusulas-Fundo. Neste estudo, verificamos que:

- (i) as cláusulas-Figura, através da seqüencialidade determinada pelo eixo dêitico-estrutural da narrativa, referenciam objetivamente os fatos que compõem o evento, sendo marcadas por um conjunto determinado de características semântico pragmáticas;
- (ii) os falantes letrados a nível de 3º Grau codificam eventos, utilizando maior proporção de cláusulas-Fundo do que de cláusulas-Figura;
- (iii) os alunos do 1º grau adquirem gradativamente maior frequência de cláusulas-Fundo. O seu discurso, nas séries iniciais deste segmento se caracteriza pela concentração de cláusulas-Figura;

Ora, se o discurso veiculado na escola de 1º e 2º graus é produzido por falantes com formação a nível de 3º Grau **maior frequência de cláusulas-Fundo** - e se dirige para falantes cujo discurso se caracteriza pela **maior frequência de cláusulas-Figura**, podemos pressupor que existe uma falta de sintonia entre o discurso do professor e, principalmente, o discurso dos alunos do 1º grau.

Deste quadro podem resultar, na recepção, dificuldades na compreensão dos enunciados de exercícios e de avaliações formais, da fala do professor e dos textos didáticos utilizados na escola.

No que diz respeito à produção escrita do aluno, problemas definidos como de estruturação textual podem ser ocasionados pela aquisição assistemática de estruturas lingüísticas específicas do Fundo e pelo acoplamento destas ao eixo da Figura.

Conscientes dessa problemática, mais do que nunca, torna-se necessária a adequação do discurso docente e do material didático ao discurso do aluno. E, se a escola insiste na transmissão de conhecimentos, convém instrumentalizar lingüisticamente o aluno para que ele possa ter acesso a tais conhecimentos. Desta forma, a prioridade no trabalho com a língua portuguesa deve ser o aperfeiçoamento do desempenho lingüístico do aluno. Cabe, ainda, avaliar se, com essa priorização, existe espaço para o trabalho com a gramática descritiva na escola de 1º grau.

BIBLIOGRAFIA

- COMRIE, Bernard. **Aspect: an introduction to the study of verbal aspect and related problems.** Cambridge, Cambridge University Press, 1976, 142 p.
- COUTO, Hildo Honório do. **Codificação lingüística de eventos.** Brasília, Editora Thesaurus, 1981, 51-76.
- GIVON, Talmy, Beyond foreground and background. **On coherence and grounding in discourse.** Philadelphia, John Benjamins, 1987, 83-102.
- GUILLAUME, Paul. **Psicologia da forma.** São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1960, 283p.
- HOPPER, Paul J. Aspect and foregrounding in discourse. In **Syntax and semantics, v. 12: discourse and syntax.** Talmy Givón (Ed.), New York, Academic Press, 1979, 213-241.
- KOFFKA, Kurt. **Princípios de psicologia da Gestalt.** São Paulo, Editora Cultrix, 1975, 34-220.
- LABOV, William. The transformation of experience in narrative syntax. In **Language in the inner city - studies in the black english vernacular.** Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972, 354-396.
- LAKOFF, Robin. Language and woman's place. In **Language in society.** New York, Harper and Row, 1975, 45-79.
- LANGUAGE AND SEX. Difference and dominance** Series in Sociolinguistics, Barrie Thornor & Nancy Herley (Ed.) Massachusetts, Newbury House Publishers Ltd, 1975, 193 p.
- Projeto de estudo da norma lingüística urbana culta de São Paulo (Projeto NURC/SP). **A linguagem falada culta na Cidade de São Paulo: materiais para seu estudo. v. 1: Elocuções formais.** Ataliba Teixeira de Castilho & Dino Pretti (Org.). São Paulo, T.A. Queiroz Editora, 1986, 15-33.
- SPERBER, Dan & Wilson, Deidre. **Relevance: communication and cognition.** Great Britain, Butler and Tanner Ltda, 1986, 263 p.